

UM OLHAR PARA ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO: CONSTRUINDO PONTES ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Fábia Vitória Medeiros do Nascimento ¹
Rebeca Vinagre Farias ²

INTRODUÇÃO

Este projeto tem o objetivo de compreender como as Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) é vivenciada no contexto escolar e familiar. Sabemos que tanto a escola quanto a família, influenciam no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes, mas será que estão conseguindo obter as ações necessárias para identificar precocemente, conhecer os indicadores e lidar com as AH/SD e suas especificidades?

Assim como a escola, a família também é uma importante influenciadora, que pode contribuir ou não com o progresso escolar, afetivo e social dos discentes. Sendo assim, a escola, família e sociedade, juntas, estabelecem caminhos que possibilitam ou não a ampliação de habilidades que venham a surgir diante dessa interação, de acordo com Virgolim (2007, p. 17) “Reconhecer, estimular e aproveitar talentos humanos em desenvolvimento ou em potencial nas diversas áreas do saber humano é, afinal, responsabilidade de todos: família, escola e sociedade”.

Quando existem indicadores de que o aluno tenha Altas Habilidades ou Superdotação, surge à necessidade de ajudar os discentes, para que ampliem suas habilidades, sempre os estimulando para que não se sintam desmotivados ao ponto de desistir ou se isolar do convívio social, seja qual for o contexto, familiar ou escolar,

Dessa forma, é importante compreender que quando surge o termo AH/SD, hipoteticamente, imaginamos em um ser humano capaz de dominar todas as áreas do conhecimento, tendo facilidades em aprender e desenvolver suas habilidades com precisão e sem dificuldades, mas diante de suas interações em contextos sociais, principalmente no contexto escolar, percebemos que a pessoa com AH/SD também têm suas limitações, que o

¹ Mestranda em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba e professora de Geografia na SEECT-PB, fabiaavitoria@yahoo.com.br;

² Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade do Minho e professora efetiva do IFPB, rebecavinagre@gmail.com;

impossibilitam de desenvolver e sobressair em atividades que possivelmente, podem ser fáceis para outras pessoas, isso ocorre independentemente do ambiente, deixando-os desestimulados por, às vezes não serem entendidos. De acordo com Brasil,

Quando alguns sinais começam a ser percebido pela família, a escola e/ou professor devem observar a criança atentamente e realizar um acompanhamento permanente. Se é precoce, a criança deve ser estimulada adequadamente para desenvolver seu potencial e continuar a apresentar comportamentos de superdotação (BRASIL, 2006, p. 21).

Por isso, é tão relevante entendermos a importância que os estabelecimentos de ensino proporcionam as pessoas com AH/SD, assim como, a conscientização e respeito da família em trilhar caminhos em prol do desenvolvimento afetivo e social diante dos contextos, no qual estão inseridos, para motivá-los e direcionar meios que lhes proporcionem segurança para que se sintam seguros e sigam desenvolvendo suas potencialidades.

Nesse caso, a família ao conviver e acompanhar o desenvolvimento das crianças desde o início, ou seja, desde sua infância, conseguem observar e analisar seus gostos, preferências, atitudes diante de situações cotidianas, mas não é regra, pois nem todas as famílias acompanham e nem participam das vivências familiares, por diversos motivos, que podem ser profissionais, financeiros e sociais, com isso, algumas crianças com AH/SD acabam não sendo assistidas e compreendidas, impedindo o parecer precoce, levando as escolas, a responsabilidade em diagnosticar e encaminhar/direcionar as crianças com AH/SD a profissionais devidamente capacitados.

A partir dos indicadores, dependendo do contexto familiar, haverá intervenções positivas ou não, perante a criança ou adolescente com AH/SD. Pois, alguns pais, reagirão com naturalidade, ajudando e incentivando de modo positivo, outros, poderão forçar a eficiência e o surgimento de habilidades (que pode não ser a habilidade que venha se desenvolver na criança e/ou adolescente), provocando um desestímulo, outros pais poderão não os ajudar, porque nem todas as famílias têm conhecimento, condições financeiras, sociais e afetivas para lidarem com seus filhos com AH/SD. Com isso, Virgolim (2007, p. 16), reforça que,

Pais afetuosos e preparados, assim como um professor motivador, enamorado pela disciplina que ensina, podem aumentar a probabilidade da criança e do jovem a desenvolverem as habilidades necessárias para dar, no futuro, contribuições

expressivas à humanidade e, ainda, ter uma qualidade de vida mais satisfatória (VIRGOLIM, 2007, P.16).

Então, a falta de um planejamento e estrutura do contexto familiar não serão bons aliados. É necessário que a família tenha equilíbrio em suas ações e intervenções para que as crianças e adolescentes com AH/SD desenvolvam seus potenciais de forma tranquila e natural através de estímulos positivos, ganhando autoconfiança, para que não se sintam pressionados e venham se prejudicar nas suas relações sociais, emocionais e/ou psicológicas com os ambientes no qual estão inseridos, assim como Virgolim (2007) enfatiza em seus estudos.

METODOLOGIA

Caracterização do estudo e da amostra

Trata-se de um projeto de intervenção de natureza qualitativa, com enfoque na compreensão extensiva e complexa dos aspectos pessoais, familiares e educativos que envolvem a criança com AH/SD. Mais especificamente, trabalharemos com os caminhos da proposta colaborativa para garantir o desenvolvimento e sistematização dos conhecimentos adquiridos durante as práticas de intervenção, tanto para o participante, quanto para a equipe pedagógica responsável pelos atendimentos, valorizando os aspectos socioculturais da criança e a melhoria da prática pedagógica.

Em relação à amostra, a proposta de intervenção dar-se-á junto à criança MHGB, do sexo masculino, nascido em 20 de fevereiro de 2013, que cursa o 3º ano Fundamental numa escola privada (escola X) de João Pessoa, com indicadores de AH/SD. É importante relatar uma breve linha do tempo desta criança retratando os aspectos pessoais, familiares e educativos que estão presentes na vida deste menino, sendo: nascido a termo, Apgar 9/10, com desenvolvimento neuropsicomotor compatível com idade. Caminhou e falou com 1 ano. Aos 2 anos, ingressou na escola X e logo ganhou o apelido de Einstein da turma por saber reconhecer todas as letras do alfabeto e por conhecer os números até 10, apresentando desde então, alto nível de concentração, frente às tarefas propostas. Com 3 anos, lia pequenas palavras em placas e livros infantis e bastante habilidade em raciocínio lógico. Iniciou cálculos mentais com 4 anos, realizando nesta fase, operações matemáticas de adição, subtração, multiplicação e divisão. Aos 5 anos, lia com fluência e possuía conhecimentos de

números negativos e raiz quadrada. Aos 6 anos, desenvolveu interesse por cubo mágico e xadrez. É conhecido pela excelente memória, motivação para o trabalho, desempenho acadêmico superior (**Anexo 2**), curiosidade e questionamentos excessivos, introversão, pensamento crítico e senso ético e moral. Apresenta timidez em contato inicial e certa desmotivação frente aos conteúdos ministrados em sala de aula.

Procedimentos de intervenção e aspectos éticos

O projeto de intervenção prevê ações conjuntas entre comunidade educativa, criança e família, sendo garantido a confidencialidade dos sujeitos, bem como proteção aos dados e aos princípios éticos inerentes a estudos envolvendo seres humanos. Assim, os envolvidos foram informados dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios.

Inicialmente, houve uma identificação por parte da professora responsável pela criança na escola X e posterior solicitação ao NAAHS para avaliação. Após 3 meses de avaliação por recurso a diferentes agentes, procedimentos e instrumento de avaliação, observou-se que a criança possui “funções de planejamento, visuopercepção, visuoconstrução e velocidade de processamento bem acima do que é esperado para sua idade, com QI total muito superior (QI de 148). Após parecer do NAAHS apresentando altos indicativos que corroboram com a hipótese de AH/SD dessa criança aos 7 anos, houve reunião entre equipe pedagógica, corpo diretivo, família do educando, psicóloga e psicopedagoga do NAAHS para encaminhamentos pedagógicos da criança e proposta de intervenção conjunta. Para o aprimoramento das potencialidades do estudante, conforme reunião, fica acordado intervenções a partir de enriquecimento intra e extracurricular, que deverá frequentar aula junto com sua turma habitual com adaptações das suas atividades escolares, bem como ser acompanhado no contraturno em sala de atendimento especializado respeitando as especificidades do estudante, bem como com avaliações constantes com o estudante, escola e família para que o mesmo evolua quando adquirir as habilidades e competências necessárias para tanto.

Cronograma

Os encaminhamentos pedagógicos previstos na avaliação do NAAHS em conjunto com compõem o projeto de intervenção a ser realizados junto a MHGB durante o ano letivo de 2021, a partir de técnicas de triangulação de diferentes métodos e fontes de investigação por compreender o aspecto multifacetado do tema AH/SD, como os manuais educativos do MEC. As intervenções serão descritas no **Quadro 1**.

Recursos

Para que o projeto de intervenção ocorra de forma exitosa, faz-se necessário um investimento inicial e continuado de recursos materiais e humanos, envolvendo infraestrutura, capacitação, tecnologia e diversidade de materiais. Neste sentido, estes recursos podem ser obtidos a partir de verbas próprias destinadas à educação especial, bem como de recursos próprios da escola e possíveis parcerias entre instituições públicas e privadas mediante áreas de interesse do educando.

Para realização da avaliação, bem como intervenções com o estudante, serão necessários notebooks, acesso à Internet, canetas, lápis de cores, software educativo, folhas de papel ofício, câmera digital, impressora, data show e tela de projeção, acesso à Laboratório de Informática, bem como acesso à biblioteca.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceituar uma criança com AH/SD é uma tarefa que envolve conhecimento, tempo, convivência e parceria com aqueles que coexistem por mais tempo com ela. Sejam pais, amigos, cuidadores, escola. Para que uma criança seja considerada uma pessoa com AH/SD é preciso observar um conjunto de comportamentos e habilidades. Apenas uma característica não define a criança. Segundo Renzulli (2004) é preciso observar os “três anéis”, que a mesma deve apresentar sincronicamente: alto nível de criatividade, elevado envolvimento com a tarefa e habilidade acima da média.

Becker e Marques (2012) definem que a criança com AH/SD apresenta possibilidade de construir estruturas e exercitá-las ao máximo aplicando-as a novos conteúdos. Conteúdos estes que possibilitam concluir generalizações que estabelecerão novas estruturas, conseqüentemente o sujeito poderá assimilar conteúdos cada vez mais complexos para a realização de atividades e tarefas. Por isso, a criança superdotada precisa sempre de novos desafios.

A partir disso a criança pode ser considerada superdotada. Segundo a definição do MEC as crianças com indicadores de AH/SD,

De modo geral, a superdotação se caracteriza pela elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades, evidenciada no alto desempenho nas diversas áreas

de atividade do educando e/ou a ser evidenciada no desenvolvimento da criança. Contudo, é preciso que haja constância de tais aptidões ao longo do tempo, além de expressivo nível de desempenho na área de superdotação. Registram-se, em muitos casos, a PRECOCIDADE do aparecimento das HABILIDADES e a resistência dos indivíduos aos obstáculos e frustrações existentes no seu desenvolvimento (Brasil, 2006, p. 12).

Percebemos que não é uma tarefa simples reconhecer uma criança assim, porém muitos pais e professores conseguem perceber certas atitudes diferenciadas, a exemplo da vontade voraz de aprender e demonstrar sua aprendizagem, inquietação por entender o que lhe cerca nos campos físicos e psicossociais. Ela é apaixonada e pode se expressar com emoções externas ou internas, dependendo do ambiente onde está sendo formada. Por isso, Favari (2019, p. 8) afirma que uma criança assim “não manifesta seu comportamento apenas em uma área específica (linguística, lógico-matemática ou espacial), uma vez que são facilmente medidas em testes padronizados”.

Porém, quando o conceito não está bem formado a respeito do que é uma criança com Habilidades/Superdotação infelizmente pode acontecer de tudo passar despercebido. Isto ocorre não só no seio familiar como na própria escola. Nesse momento Favari (2019, p. 9) nos alerta que “há ainda muitas lacunas nos aspectos que envolvem estes estudantes. Não obstante, no cenário da escola, a dificuldade se fixa desde o processo de identificação até o reconhecimento destes indivíduos. Em virtude disso, a criança pode ser considerada apenas como alguém inteligente, diferente, ou carregar um preconceito que será repetido até que todos se esqueçam ou a criança aprenda a esconder, e até não mais desenvolver suas habilidades como forma de proteção diante da sociedade e da família que não conseguiu lidar com a situação.

Por diversas vezes a família relata a dificuldade não só de conhecer e estimular a criança com essas características no dia a dia, como também a dificuldade de ser ouvida e acompanhada por órgãos que poderiam auxiliá-los nessa tarefa que não pode ser solitária. Tudo isso pode gerar ansiedades e frustrações como afirma Oliveira,

É notável a necessidade dos pais e/ou responsáveis por crianças precoces ou com suspeita de SD de demonstrar ansiedade, preocupação e angústias para saber como agir no cotidiano vivido com essas crianças, realidade agravada pela desinformação e assessorias que os auxiliem e orientem (OLIVEIRA, 2013, p2875).

Como deve ser então a parceria Família/Escola, imprescindível no processo de ensino aprendizagem? É sabido que cada criança é diferente uma da outra, mas quando se trata de

uma com AH/SD costuma-se colocá-las num único patamar. Na verdade, as singularidades continuam e como seres humanos são únicos e com características únicas. O que vai torná-las brilhantes em um mundo carente de criatividade e inovação para problemas que surgem a cada dia é o apoio e motivação constante que potencializará o desenvolvimento delas. Se a premissa serve para o desenvolvimento das crianças ditas “normais”, valerá ainda mais para as crianças com AH/SD que necessitam de ainda mais desafios e material concreto para isso. Segundo Piske,

As construções estruturais da inteligência de cada sujeito variam de acordo com cada faixa etária e seu grupo social. O aluno superdotado pode apresentar uma mentalidade de adulto, ideias avançadas para sua idade cronológica em um corpo de criança. Quanto mais a criança superdotada é motivada a avançar durante o processo de ensino-aprendizagem, mais consegue alcançar suas metas e fazer novas descobertas (PISKE, 2015, p. 84).

Diante disso nos perguntamos: Como a família e a escola podem trabalhar juntas para potencializar as habilidades do aluno identificado? Essa parceira fundamental muitas vezes não acontece quando a própria escola não está devidamente formada para tratar sobre esse assunto. Os professores, em sua maioria, não receberam informação suficiente sobre um tema que ainda é novo no Brasil. A escola por esse motivo não possui muitos meios para manter um diálogo efetivo com a família, nem um tratamento diferenciado com o aluno com AH/SD. Muitos pais sem o conhecimento devido, que poderia chegar por meio da própria escola, não conseguem entender seus filhos. Outras aceitam o relatório do aluno com indicadores de AH/SD, mas não sabe como lidar com eles e suas necessidades. E dessa forma, em muitas escolas e famílias do nosso país se perdem tantas mentes brilhantes. Essa problemática já chamava a atenção de Pérez ao discutir sobre a necessidade de conhecimento e aplicação das leis e diretrizes que orientam a escola como esfera maior para reconhecimento e trabalho nessa temática,

os escassos investimentos na Educação e, particularmente, na Educação Especial, são ainda agravados pela precária formação dos seus gestores e professores, pela insuficiente remuneração dos seus professores e pela defasagem no acesso a informações mais atualizadas (PÉREZ, 2014, p. 631).

É preciso investimento por partes dos nossos governantes, empenho e conhecimento por parte da escola, perseverança e boa formação por parte das famílias. Especialmente quando se trata da intervenção acontecer nos primeiros anos escolares, uma vez que, em primeiro lugar, a criança que mesmo com AH/SD não for estimulada e compreendida pode

com o passar dos anos “perder” sua capacidade aprimorada de aprendizagem. E depois, a cada ano escolar que se passa, com a dinâmica escolar, o aluno deixa de ser acompanhado por um ou dois professores mais próximos da rotina da criança e começa a ser acompanhada por cinco oito a dez professores diferentes e em tempos mais curtos. Tornando a identificação de AH/SD mais complexo de se fazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Possibilitar a identificação, avaliação e posterior intervenção na tríade escola / família / criança deve respeitar a complexidade dos fenômenos presentes no universo de pessoas que apresentam AH/SD. Assim, esperamos, com este projeto, disseminar conhecimentos sobre o tema no sistema educacional da Paraíba, comunidade escolar e família para que mais crianças, como MHGB vivenciem suas particularidades educativas e potencialidades criativas em plenitude.

Existem, portanto, variadas formas de se construir pontes entre a escola e a família, a exemplo da formação dos professores e corpo docente no geral que tenham condições de entender os alunos e alunas com interesses e habilidades de superdotação. Somente assim a escola poderá acompanhar alunos e familiares, formá-los no que precisarem para compreender ser filhos, terem direcionamentos para que possam decidir o melhor para esses indivíduos especiais.

No contexto escolar também existe uma gama vasta de instrumentos que podem ser utilizados para identificação e acompanhamento como podemos ver no quadro 02.

Para tal, é importante algumas ações mais específicas no âmbito educativo e familiar: formação inicial voltada para a temática, formação continuada para comunidade educativa, ampliação de pesquisas científicas e de instrumentos avaliativos em AH/SD, experiências familiares positivas, além fortalecimento das redes sociais de apoio às famílias com pessoas com AH/SD.

Esperamos ainda com esta proposta de intervenção potencializar as intervenções, no âmbito familiar e no âmbito educacional, promotoras de garantia da plenitude dessa criança, contribuindo para o sucesso educativo, em suas múltiplas inteligências, como para seu potencial como promotor do desenvolvimento tecnológico e cultural do Brasil.

Quadro 1 - Proposta de Intervenção junto ao estudante MHGB. 2021

Mês/2021	Foco	Intervenção	Objetivo
Fev-Jul	Escola	Curso de AH/SD em parceria com FUNAD/NA-AHS PB	Possibilitar a aprendizagem de conhecimentos gerais e específicos da área das AH/SD, como a legislação sobre o tema, os preceitos teóricos, processos de identificação e intervenção, estratégias de acompanhamento e atendimento aos estudantes.
Mar	Família/ Escola/ NAAHS	Reunião escolar	Conhecer o estudante com AH em níveis acadêmicos; traçar estratégias de intervenção mediante ações de enriquecimento curricular.
Mar	Família/ Escola	Nomeação por pais	Identificar interesses especiais, passatempos, livros preferidos, realizações incomuns, talentos especiais, atividades preferidas quando está sozinha, relacionamento com os outros, e problemas ou necessidades especiais de MHGB.
Mar	Escola/ Criança	Auto-nomeação	Conhecer as habilidades e áreas de interesse de MHGB.
Abr-Nov	Escola/ Criança	Enriquecimento Curricular Tipo I	Dar oportunidade de enriquecimento curricular a todos os alunos da sala.
Abr-Nov	Escola/ Criança	Enriquecimento Curricular Tipo II	Desenvolver pensamento crítico, processos afetivos e sociais, aprendizagens específicas e habilidades avançadas.
Abr-Nov	Escola/ Criança/ Família	Enriquecimento Curricular Tipo III	Oportunizar a MHGB aprofundar interesses, conhecimentos, ideias criativas e motivação; adquirir conhecimento avançado em matemática; desenvolver produtos autênticos e habilidades de planejamento e de tomada de decisão; desenvolver motivação na tarefa.
Abr- Nov	Família/ Escola	Reunião de acompanhamento	Acompanhar o desenvolvimento acadêmico de MHGB, alterando condutas e evoluindo em práticas educativas, quando necessário.
Jul-Nov	Escola/ Criança	Monitoria acadêmica	Acompanhar o professor na área científica de matemática
Jul-Nov	Escola/ Criança/ Família	Olimpíadas de conhecimento	Incentivar a participação de MHGB em olimpíadas de conhecimento como Canguru de Matemática, Educação Financeira, Astronomia e Robótica.

Fonte: Dados do estudo

Quadro 2 – Lista de verificação de Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (LIVIAHSD)

COMPORTAMENTOS OBSERVÁVEIS	CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS	NOMES DOS ALUNOS
O aluno demonstra prazer em realizar ou planejar quebra-cabeça e problemas em forma de jogos.	GOSTA DE QUEBRA-CABEÇA E JOGOS-PROBLEMA (IG) ³	
O aluno dirige mais sua atenção para fazer coisas novas do que para o que já conhece e/ou faz sempre.	INTERESSA-SE MAIS POR ATIVIDADES CRIADORAS DO QUE POR TAREFAS REPETITIVAS E ROTINEIRAS (IG)	
O aluno sente prazer em superar os obstáculos ou as tarefas consideradas difíceis.	GOSTA DE ACEITAR DESAFIOS (IG)	
O aluno demonstra que faz excelente uso da faculdade de concatenar, relacionar idéias deduzidas uma das outras, a fim de chegar a uma conclusão ou a uma demonstração	TEM EXCELENTE CAPACIDADE DE RACIOCÍNIO (IG)	
O aluno mantém e defende suas próprias idéias.	APRESENTA INDEPENDÊNCIA DE PENSAMENTO (IG)	
O aluno demonstra que associa o que aprende hoje ao que já aprendeu ou assimilou.	RELACIONA AS INFORMAÇÕES JÁ RECEBIDAS COM OS NOVOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS (IG)	
O aluno emite opiniões pensadas, refletidas.	EMITE JULGAMENTOS AMADURECIDOS (IG)	
O aluno faz perguntas sobre assuntos corriqueiros do dia a dia, assim como sobre questões diferentes ligadas à física, astronomia, filosofia e outros.	POSSUI CURIOSIDADE DIVERSIFICADA (IG)	
O aluno demonstra realizar com acerto e aperfeiçoar, cada vez mais, tudo o que faz.	PROCURA PADRÃO SUPERIOR EM QUASE TUDO O QUE FAZ (IG)	
O aluno demonstra não precisar da ajuda de outras pessoas para desincumbir-se de suas responsabilidades.	APRESENTA AUTO-SUFICIÊNCIA (IG)	
O aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos.	APLICA OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS (IG)	
O aluno demonstra saber chegar ao término de um pensamento, problema, atividade e outros.	POSSUI CAPACIDADE DE CONCLUSÃO (IG)	
O aluno produz idéias, faz associações diferentes, encontrando novas alternativas para situações e problemas.	É IMAGINATIVO (PC) ⁴	
O aluno usa métodos novos em suas atividades, combina idéias e cria produtos diferentes.	É ORIGINAL (PC)	
O aluno faz atividades ou exercícios a mais do que foram pedidos.	EXECUTA TAREFAS ALÉM DAS PEDIDAS (PC)	
O aluno apresenta idéias comuns e diferentes com facilidade.	POSSUI FLEXIBILIDADE DE PENSAMENTO (PC)	
O aluno não precisa de muito tempo para produzir idéias novas ou muitas idéias.	TEM IDÉIAS RAPIDAMENTE (PC)	
O aluno demonstra verbalmente idéias novas e diferentes através de histórias, soluções de problemas, confecção e elaboração de textos, criação de objetos e outros.	POSSUI IMAGINAÇÃO FORA DO COMUM (PC)	

FREITAS, S.N PÉREZ, S.G.B.P. Altas habilidades/superdotação: atendimento especializado. Marília:ABPEE,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Projetos de intervenção em crianças com AH/SD apresentam-se como estratégias de intervenção apropriadas, em especial quando adaptam à literatura existente na comunidade científica às especificidades de cada criança. Para que isto ocorra, o Brasil precisa investir cada vez mais em educação inclusiva, capacitando servidores da educação, adequando as estratégias pedagógicas e facilitando o vínculo com pares intelectuais.

No que se refere à família, é importante trabalharmos os conceitos, mitos e temas inerentes à AH/SD, apoiando famílias a desmistificar os preconceitos vinculados ao tema, disseminar conhecimentos para identificação de interesses e indícios de precocidade, e encontrar os melhores caminhos na vida destas crianças, inclusive acompanhando de forma presente as atividades cotidianas e acadêmicas destas crianças.

Destacamos que a chave para o desenvolvimento dos talentos de crianças com AH/SD passa por uma dinâmica familiar satisfatória. A família tem papel decisivo frente ao desenvolvimento da AH, por isso conhecer o funcionamento dessas famílias e apoiá-las possibilitará estímulos e experiências que permitam o pleno desenvolvimento desta criança. Afinal, como Silverman (1993, p. 171) retrata “a superdotação é uma qualidade da família, mais do que uma qualidade que diferencia a criança do resto de sua família”.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pelos dons e oportunidades concedidas. E também pela contribuição das colegas de trabalho, Girlandy P da Costa, Josefa Claudiana L. Ferreira, Valéria Barboza Guedes, à Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência e ao Núcleo de Altas Habilidades e Superdotação da Paraíba, com quem pudemos dividir e somar conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando e MARQUES, Tania B. I. **Epistemologia Genética e Criança Superdotada. Percepções de famílias de Superdotados sobre o processo de ensino aprendizagem: Um Olhar a partir de Piaget.** SCHEME: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologias Genética, v. 7, n. 2, 2015.

BRASIL. MEC. **Manual de orientação:** programa de implantação de sala de recursos multifuncionais. Brasília, 2010, pp.33.

BRASIL. MEC. **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades / superdotação.** Brasília, 2006.

BRASIL. MEC. **Portaria Normativa nº13**, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a criação do "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2007.

FREITAS, S.N PÉREZ, S.G.B.P. **Altas habilidades/superdotação: atendimento especializado.** Marília:ABPEE, 2012, P.41.

NAUROSKI, E. A.; SAKAGUTI, P. M. Y. **Família e escola nas dinâmicas relacionais da Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD).** Revista Eletrônica da Divisão de Formação Docente, v. 5, n.2, 2018.

OLIVEIRA, E. C. B. **A Importância das Famílias como rede de apoio no trabalho com crianças precoces: Impactos de Intervenção.** UNESP: Marília/SP, 2013.

PÉREZ, Suzana G. e FREITAS, Soraia N. Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 627-640, set./dez. 2014.

PISKE, F. H R. Percepções de Famílias de Superdotados sobre o Processo de Ensino-Aprendizagem: Um Olhar a Partir de Piaget. **SCHEME: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologias Genéticas.** v. 7, n. 2, 2015.

RENZULLI, Joseph; REIS, Sally. **The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. The triad reader.** Connecticut: Creative Learning Press, 1986.

SILVERMAN, L. K. **Counseling families.** Em L. K. Silverman (Org.). Counseling the gifted and talented Denver, CO: Love. 1993.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais.** Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília/DF, 2007.